

Mecanismos literários de resistência: as crônicas dissidentes de Raúl Rivero, espelhos da Cuba cotidiana

*Antonio Martínez Nodal (UNEB)**

<https://orcid.org/0000-0003-3108-5206>

*Nerivaldo Alves Araújo (UNEB)***

<https://orcid.org/0000-0001-9423-3603>

Resumo:

As crônicas de Raúl Rivero são observadas como elos que demarcam, em seu relato do cotidiano, um reduto textual que tensiona o poder da palavra além do extremismo ideológico da ilha. Possuem um efeito simbólico particular e denuncia, ao visibilizar o contexto social da Cuba do fim do séc. XX e começo do séc. XXI. Analisaremos a constituição profissional do pensador e poeta, observado pelo regime desde a década de 90, sendo visto como um intelectual subversivo, devido ao exercício narrativo fora do campo revolucionário e a descrição exata da sua realidade e a de todos os cubanos, mediante seu jornalismo independente. Examinaremos o valor da crônica como texto e instrumento expressivo de luta e o ponto de vista crítico com o qual Rivero reflete, mediante essas narrativas do povo, o desigual contexto socioeconômico e político cubano. O estudo será desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de caráter bibliográfico. O objetivo do presente trabalho é analisar algumas de suas crônicas dissidentes mais importantes. Demonstraremos que suas narrativas funcionam como mecanismos literários de resistência e de autoafirmação na defesa de uma verdade sem limiares e sem a censura insular.

Palavras-chave: Raúl Rivero; jornalismo independente; resistência; crônicas dissidentes; cotidiano de Cuba.

* Tem Doutorado em andamento em Leitura, Literatura e Cultura na UNEB (Universidade do Estado da Bahia), no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens (PPGEL/Uneb, DCH I). Mestre em Literatura e Cultura na UFBA (Universidade Federal da Bahia, 2016-2018); realizou especialização em Ensino de Língua Espanhola pela Universidade Cândido Mendes (2015). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8003708937498480>. E-mail: antonio.nodal@gmail.com.

** Doutor em Literatura e Cultura (UFBA). Mestre em Estudo de Linguagens (Uneb). Professor Adjunto (Uneb/DCH/Campus I). Docente Permanente e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens. Autor do livro "Poética oral do samba de roda das margens do Velho Chico". Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3863961611037682>. E-mail: naraujo@uneb.br.

Abstract:

Literary mechanisms of resistance: the dissident chronicles of Raúl Rivero, mirrors of Cuban everyday life

Raúl Rivero's chronicles are observed as links that demarcate, in his account of daily life, a textual stronghold that tensions the power of the word beyond the ideological extremism of the island. They have a particular symbolic effect and denounce, by making visible the social context of Cuba at the end of the 20th century and beginning of the 21st century. We will analyze the professional constitution of the thinker and poet, observed by the regime since the 90s, being seen as a subversive intellectual, due to his narrative exercise outside the revolutionary field and the exact description of his reality and that of all Cubans, through his journalism independent. We will examine the value of the chronicle as a text and expressive instrument of struggle and the critical point of view with which Rivero reflects, through these narratives of the people, the unequal socioeconomic and political context of Cuba. The study will be developed through qualitative, descriptive and bibliographical research. The objective of this work is to analyze some of his most important dissident chronicles. We will demonstrate that his narratives function as literary mechanisms of resistance and self-affirmation in defense of a truth without thresholds and without insular censorship.

Keywords: Raúl Rivero; independent journalism; resistance; dissident chronicles; Cuban everyday life.

Introdução

Raúl Rivero (1945-2021), laureado poeta cubano nascido em Morón, constrói com traço fiel e coerente seu percurso expressivo. Em sua produção textual reconhecemos um compromisso político-social estabelecido através de um relato próximo, uma caligrafia direta, carregada de cinismo, “[...] ciente de que o cinismo às vezes ajuda a defender a liberdade” (Rivero, 2003, p. 44, tradução nossa¹), humor e ironia familiar. Compromisso que se manifesta em sua atuação como jornalista, em sua poesia e, além disso, nos seus dois livros de crônicas: *Sin Pan Y Sin Palabras: a favor de la libertad en Cuba* (2003) e *Lesiones de historia*

(2005). O primeiro é o marco fundamental de nossa discussão e contém uma denúncia implícita que será examinada neste estudo, o qual será desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de caráter bibliográfico que se baseia em textos historiográficos e jornalísticos de pensadores, principalmente intelectuais cubanos como Rojas (1998, 2006, 2009), Cabrera Infante (2015), Padura (2015) e Alberto (2004). Por sua vez, os conceitos de Resistência e Dissidência serão fundamentados na obra de Bosi (1996, 2002), Arendt (1995, 2002, 2008), Hitchens (2003), Jelin (2002) e, sobretudo, nas crônicas de Rivero (2003). A breve leitura sobre a crônica será realiza-

1 “Conocedor de que el cinismo a veces ayuda a defender la libertad” (Rivero, 2003, p. 44).

da com base nas proposições de Carrión (2012) e Sánchez (1992). O artigo objetiva demonstrar o lugar da crônica e do jornalismo independente de Raúl Rivero como mecanismo literário de resistência e denúncia em Cuba no fim do séc. XX e começo do séc. XXI.

Desde suas primeiras incursões na poesia com *Papel de hombre* (1969) e *Poesía sobre la tierra* (1972), ganhadora do Prêmio Julian del Casal, Rivero transita em um discurso poético coloquial, nessa confiável rota conversacional analisada com profusão por Carmen Alemany Bay (2006). Na visão de Rojas, (2006, p. 325, tradução nossa²), Rivero se destaca como: “o lírico mais sensível aos problemas políticos da ilha”. O diálogo crítico que inunda sua poesia faz a mesma escolha declamatória de tantos outros escritores latino-americanos como Mario Benedetti (1920-2009), Ernesto Cardenal (1925-2020) e o poeta e teórico Roberto Fernández Retamar (1930-2019), também cubano. Nesse primeiro período, até o ano de 1991, o autor, menos beligerante em suas obras, publicou *Poesía pública* (1984) e *Escribo de memoria* (1985), dentre outras. Nas palavras de Cabrera Infante (2015, p. 1173, tradução nossa³): “Raúl Rivero é um poeta eminente que usou a poesia como uma arma de precisão”. Tal acurácia ao relatar os conflitos e lutas diárias alcança seu grau máximo mediante suas crônicas.

“El Gordo”, apelido carinhoso pelo qual Raúl Rivero é chamado por muitos de seus colegas e amigos, como Eliseo Alberto (1951-2011) e Jesús Díaz (1941-2002), foi vencedor, em duas ocasiões, do Prêmio de Poesia outorgado pela União Nacional de

Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC). É considerado um dos escritores mais importantes dentre o grupo nomeado como Primeiro Grupo de poetas da Revolução.

As qualidades poéticas inerentes de Rivero são resumidas, de forma concisa, por Rojas (2006, p. 329), que destaca como os principais atributos de sua poesia: o patriotismo, o testemunho, a denúncia, a memória, a compaixão, o humor e, finalmente, o perdão – como se vislumbra no livro de poemas escrito no cárcere de Ciego de Ávila, *Corazón sin furia* (2005).

Raúl Rivero, além de ser considerado pelo público e pela crítica como um poeta singular, certo na humanidade em que imerge seus versos, exerceu, desde os primeiros anos da Revolução Cubana, variadas funções como jornalista militante, intimamente comprometido com o movimento revolucionário. Atuou como repórter em Moscou, relatou a Guerra do Vietnã e de Angola, viajou pela China, Coreia do Norte e por toda a Europa socialista. No entanto, ao retornar à ilha, uma sensação de desencanto e inconformidade começa a manifestar-se em suas posteriores narrações, artigos, crônicas e poemas, da mesma forma que o sentimento da ilusão revolucionária do autor é mitigada paulatinamente. Transforma-se, assim, o seu pensamento, sua atitude moral e política perante o poder muda (Rojas, 2006). Isso culmina na fase mais combativa da obra do autor, que geralmente é descrita como a segunda fase, que se inicia com a publicação da “Carta de los diez”⁴, em 1991. Trata-se de

2 “El lírico más sensible a los problemas de la isla” (Rojas, 2006, p. 325).

3 “Raúl Rivero es un poeta considerable que ha usado la poesía como un arma de precisión” (Cabrera Infante, 2015, p. 1173).

4 Os dez subscritores da Carta, foram os escritores, jornalistas e intelectuais: Raúl Rivero, Manuel Díaz Martínez, Nancy Estrada, José Lorenzo Fuentes, Bernardo Marqués Ravelo, Manuel Granados, Fernando Velázquez Medina, Roberto Luque Escalona, Víctor Manuel Serpa e, María Elena Cruz Varela. Esta última foi presa de forma brutal e após um juízo sumário foi condenada a dois anos de prisão. Ao sair do cárcere, em

um documento público dirigido ao governo cubano, solicitando a restauração da democracia e a prática da imprensa livre em Cuba, dentre outras demandas.

A partir dessa tentativa de movimento libertário, o destino de Rivero, de alguma maneira, estaria demarcado.

Escrever apenas, sem condições

Na década de 90, o autor se torna um dos expoentes e líderes dessa tentativa de integrar um jornalismo não doutrinário, alternativo e crítico em Cuba após o Período Especial⁵, apresentando uma forma particular de narração em primeira pessoa ou assumindo o papel de narrador/entrevistador, descobrindo-se como uma testemunha compartilhada, que minuta os dados relatados pelo protagonista para se transmutar, depois, nas vozes radiografadas. Reflete e projeta no papel, então, a narração dos “outros”, na crônica, sem filtro, espelhando as vozes desse mesmo povo interrogado.

Rivero alega a necessidade de praticar um jornalismo aberto, autônomo e sempre responsável com os fatos apresentados e com o contexto real no qual se encontram inseridos os seus sujeitos/representantes, nessa fórmula expressiva de resistência cotidiana. Nas palavras do autor:

[...] O jornalismo é patrimônio de todos os homens da Terra e o direito de opinar é uma maravilha que nos distingue dos bois e dos cordeiros. Embora alguns o exerçam em conluio com o poder e outros espreitando

pelos fechaduras (Rivero, 2003, p. 57-58, tradução nossa⁶).

Desse modo, a narrativa jornalística que o poeta considera confiável oferecerá histórias plurais e verídicas as quais se deve evitar que sejam editadas ou censuradas por uma instituição e/ou governo. A dificuldade maior do exercício jornalístico será resistir, nas palavras de Montaner (1999), às ameaças da polícia, às prisões e aos xingamentos. Montaner apresenta, ainda, outros profissionais, figuras destacadas da informação, como: Yndamiro Restano, Tania Quintero, Rafael Solano, Néstor Baguer, Héctor Peraza, Ana Luisa López Baeza, Orlando Fondevila e Olance Nogueras. A partir dessa força informativa desvinculada dos parâmetros do regime, “há uma vontade explícita de quebrar o isolamento imposto pelo Governo e integrar-se no mundo contemporâneo” (Montaner, 1999, p. 205, tradução nossa⁷).

Rivero, antes de ser condenado a vinte anos de prisão – processo detalhado, minuciosamente, no livro *Dos Cubalibres. Nadie quiere más a Cuba que yo*, de Eliseo Alberto (2004) –, realizou, de forma sistemática, por anos, uma crítica afiada ao regime cubano e uma análise social ampla, na qual traz uma leitura política tanto individual, expondo casos particulares, quanto geral, ao expor as manobras restritivas, as falhas econômicas e sociais da política insular. Muitos desses artigos e crônicas foram publicados, semanalmente, no jornal digital *Encuentro en la red*, entre os anos 2001 e 2003, cujas histó-

1994, exilou-se, em um primeiro momento para Espanha e depois para Estados Unidos. O único membro desse grupo que não se exilou, nesse momento, foi Raúl Rivero.

5 O Período Especial em Tempo de Paz em Cuba foi um período prolongado de crise econômica que começou em 1991, principalmente, devido à dissolução da União Soviética e, por extensão, do campo socialista e do Conselho de Ajuda Mútua Econômica (CAME).

6 “[...] el periodismo es un patrimonio de todos los hombres de la Tierra, y el derecho a opinar, una maravilla que nos distingue de los bueyes y los corderos. Aunque unos lo ejerzan en concubinato con el poder y otros en la vecindad del murmullo de los cerrojos” (Rivero, 2003, p. 57-58).

7 “Hay una clara voluntad de romper el aislamiento impuesto por el Gobierno e integrarse en el mundo contemporáneo” (Montaner, 1999, p. 205).

rias, posteriormente, fariam parte do livro de crônicas *Lesiones de historia* (2005). A partir da década de 90, exatamente, a partir do ano de 1995, o jornalismo independente emerge e se consolidará em Cuba (Rivero, 1995).

No período nomeado como “Primavera Negra”, em 2003, no qual opositores, ativistas e jornalistas seriam, após um julgamento público sumário, encarcerados, Raúl Rivero foi condenado junto a outros 75 cubanos, como relata Alberto (2004). O “Encausamiento”, esse processo judicial questionável, é incluído de forma íntegra como apêndice do livro *Sin pan ni palabras* (Rivero, 2003), no qual se expõe o suposto crime investigado no processo: atos contra a independência e contra a integridade territorial do Estado. Graças à mediação do Governo Socialista – nesse caso, da Espanha e de seu presidente Jose Luis Rodríguez Zapatero – Rivero e outros vinte presos foram liberados no fim de 2004, tendo o escritor cumprido um ano e meio de sua pena no cárcere.

Seu livre labor jornalístico e, ademais, o da imprensa independente de Cuba será explicitado em um importante documento: *Otra grieta en la pared: informes y testimonios de la nueva prensa cubana* (2003), que elabora um relatório específico sobre a liberdade de imprensa e sua perseguição em Cuba. No documento, Rivero fala de sua trajetória como pensador e narrador, de sua prática jornalística clandestina e, também, da constituição e do constante uso da censura, assim como o acosso sofrido sob o poder da Ditadura. Finalmente, no mesmo documento, é apresentada uma lista completa de jornalistas encarcerados e condenados em 30 de junho de 2003. Nesse livro se descreve a ruptura absoluta, momento a partir do qual Rivero escreve apenas a verdade, o que deriva em seu afastamento natural do

ideário revolucionário e as ações coercitivas do governo, transformando-se, de alguma forma, em um símbolo referencial da livre informação em Cuba e no representante mais popular desse inusitado jornalismo não oficial.

O jornalismo independente de Rivero em Cuba: a resistência como palavra

Entendemos a ideia categórica da força do verbo e da necessidade de um jornalismo independente em crônicas como o núcleo ou coração da obra *Sin pan y sin palabras*. Rivero (2003) fala que: “O jornalismo é de todos”, e o aponta como um instrumento necessário para iluminar nossas vidas, para nos aproximarmos à comunidade, aos bairros, debater, refletir sobre as histórias de maneira honesta, fora da influência de ideologias e *praxis* políticas, finalmente, humanizar a informação.

Na crônica “Taller de prensa”, Rivero (2003, p. 60, tradução nossa⁸) assinala que aquele que comete um delito não é culpado, mas “o culpável é o homem que age publicamente”, ou seja, o jornalista que faz a denúncia, nesse caso. Em “Internet y el Indio Hatuey”, o autor declara que não deseja fazer jornalismo de ficção ou de repetição, afinal “[...] Uma comunidade ou um país sem imprensa livre pode tornar-se um acampamento militar ou uma conspiração de arbitrariedade” (Rivero, 2003, p. 65, tradução nossa⁹).

Essa ruptura definitiva supera seu posicionamento pessoal, ideológico, o que pode

8 “El culpable es el hombre que lo hace público” (Rivero, 2003, p. 60).

9 “[...] una comunidad o un país sin prensa libre puede convertirse en un campamento militar o en una parcela de arbitrariedad” (Rivero, 2003, p. 65).

ser percebido através de alguns de seus manifestos confessionais como, por exemplo, a crônica “Monólogo del culpable”, na qual Rivero (2003, p. 51-53, tradução nossa¹⁰) declara:

[...] O caminho que iniciiei há anos com a ruptura total com os meios da imprensa e com a cultura do governo me converteu em um ser humano distinto, alguém que foi se libertando por conta própria, alguém que em um entorno ameaçador e hostil, iniciou sua viagem rumo à liberdade individual. Não posso me assumir como um delinquente por relatar com precisão o drama de mais de trezentos prisioneiros políticos, por informar que um edifício em Havana Velha foi demolido ou por publicar uma entrevista com um cubano que quer para seu país uma sociedade plural e plena liberdade de expressão [...] também não, por escrever uma nota em que afirmo que me parece um desastre que mais de vinte mil cubanos se exilam a cada ano rumo aos Estados Unidos, e outras centenas busquem asilo em qualquer parte. Ninguém me fará sentir-me como um criminoso, um agente inimigo, como um apátrida nem como uma de essas acusações que o governo

10 “[...] El camino que inicié hace unos años con la ruptura total con los medios de prensa y cultura del gobierno me ha ido convirtiendo en un ser humano distinto, alguien que se ha ido liberando por cuenta propia, alguien que en un entorno amenazador e hostil pudo empezar el viaje hacia la libertad individual. [...] No puedo asumirme como un delincuente por con precisión el drama de más de trescientos prisioneros políticos o por informar que se derrumbó un edificio en la Habana Vieja o por publicar una entrevista con un cubano que quiere para su país una sociedad plural y plena libertad de expresión [...] o redacte una nota donde diga que me pareced un desastre que más de veinte mil cubanos se vayan cada año al exilio, a Estados Unidos, y otros centenares estén tratando de quedarse en cualquier parte. Nadie me hace sentir como un criminal, un agente enemigo ni como un apátrida ni como una de esas necedades que el gobierno usa para degradar y humillar. Solo soy un hombre que escribe. Y escribe en el país donde nació y donde nacieron sus bisabuelos” (Rivero, 2003, p. 51-53).

usa para degradar e1 humilhar. Apenas sou um homem que escreve.

A declaração de princípios que sugere a frase: “Apenas sou um homem que escreve” aponta, assim mesmo, a irredutível coerência pessoal do poeta que acompanhou sua prática jornalística, que o impulsiona a produzir sua escrita, interpretada por nós como escrita de resistência, que traz para sua obra um novo posicionamento como criador e intelectual. Recuperando o conceito de poesia de resistência idealizado por Bosi nos anos 70, percebemos que as crônicas de Rivero são narrativas que acompanham seu axioma, que assumem um princípio de realidade e adotam a resistência como tema principal, o que, potencializa o relato, ademais, sob uma tensão interna, em prol da verdade (Bosi, 1996). Existe uma dialética nessa literatura de resistência analisada por Bosi entre a ética e a estética, além de um diálogo entre a literatura e a ideologia, diálogo nítido nos mapas textuais combativos de Rivero. O confronto do autor com o sistema demonstra que “O que resiste é aquilo que motiva sentido, aquilo que prolonga esse sentido para a comédia da vida humana, ou para seu drama e tragédia: a vida mesma é que o diz” (Lima, 2016, p. 760-761). Nesse sentido, há uma tentativa de restaurar a dignidade perdida pelas políticas estabelecidas nos espaços públicos e cotidianos.

A instrumentalização da ação e a degradação da política a um simples meio resultam em uma ênfase na dimensão decisiva da experiência, que, portanto, tenderá a manifestar-se em momentos de emergência de ação, isto é, de insurreição ou resistência (Lara, 2015, p. 176, tradução nossa¹¹).

11 “La instrumentalización de la acción y la degradación de la política a un simple medio llevará a colocar el acento en la dimensión decisiva de la experiencia, que, por tanto, tenderá a mostrarse en momentos de emergencia de la acción, esto

A experiência de Rivero e o exame rotineiro dos sucessos da ilha o inculpam por suas ações reveladoras. Como Alberto (2004) explica, Rivero é culpado por sua audácia de escrever o que sente a partir das ruas, não sendo indiferente ao que sofre. A partir de seus relatos, tenta democratizar o seu espaço existencial, porque ama seu país e, sobretudo, pela missão implícita de escutar as minorias, quebrando o fluxo informativo propiciado pelo governo, demarcado por uma prática dogmática, nacionalista e de massas. Rivero traz para o leitor os retratos individuais, a luta íntima do cidadão, promovendo essa resistência e desobediência civil necessárias para originar um câmbio destacado por Arendt (2002). A ilustre pensadora alemã apresenta uma metáfora sobre o deserto e os contextos totalitários. Esse terreno ermo pode ser transformado mais facilmente que nós mesmos, em função da capacidade que temos de sofrer e de resistir. O que acontece é que as fortes tormentas do deserto podem fazer desaparecer os oásis desse território. Tais tormentas representam forças políticas opressoras e esses oásis, como espaços férteis, fontes da vida do cotidiano. Nossa virtude da resistência, a paixão de viver, nossas ações como agentes ativos, nos capacitarão, portanto, a provocar essas mudanças possíveis (Arendt, 2008, p. 225-226). Os relatos íntimos no contexto privado, funcionam, assim, como espaços enunciativos de câmbio, como práticas de resistência perante o poder, oferecendo outros sentidos e diferentes narrativas do passado que fogem da imposição nacional e abrem novas passagens nessa luta por uma memória plural (Jelin, 2002).

É possível que uma das maiores ousadias de Rivero, segundo o relato de Alberto

es, en la insurrección o resistencia” (Lara, 2015, p. 176).

(2004) e Rojas (2006), tenha sido a criação desse campo de defesa concreto por meio da fundação da agência de notícias *Cuba Press*, em 1996. Institui, desse modo, uma via informativa dissociada do regime e ligada à cotidianidade da ilha e às desordens sociopolíticas e econômicas de Cuba, junto a vários colaboradores. A fundação da agência foi apoiada por um amigo de Rivero que também foi incriminado na Primavera Negra, Ricardo González. Vale ressaltar que o jornalismo independente é um direito natural, segundo a Constituição aprovada em 1976 (Rivero, 2003). Em 2000, fundam a Sociedade de Jornalistas Independentes Manuel Márquez Sterlin, o que não era permitido pela legislação cubana (Alberto, 2004). De fato, esse jornalismo crítico seria, segundo Rojas (2006), uma das principais razões de sua prisão, ao ser definido como um “ativista subversivo” por seu ofício noticioso.

Em seu texto “Raúl Rivero, El condenado por confiado”, publicado em *El País*, em julho de 2003 e, posteriormente, em *Mea Cuba antes y después* (2015), Guillermo Cabrera Infante – célebre autor contrarrevolucionário exilado de *Tres tristes tigres* (1965) – escreve sobre o excesso de confiança do poeta, sua coragem ou, pior ainda, sua arrogante inocência. Afinal, o poeta parece ter esquecido o terrível processo sofrido anteriormente pelo poeta Heberto Padilla¹²

12 Heberto Padilla foi um poeta cubano que recebeu o prêmio Julián del Casal da UNEAC. Por seu conteúdo amplo e livre, rompe com a cultura cubana fidelista, sendo encarcerado pelo governo no obscuro e célebre caso Padilla (1971), processo judicial vexatório em que o poeta é obrigado a inculpar a si mesmo pela pressão exercida pelo regime, o que demonstrou para o mundo o poder da ditadura cubana. Tal fato divide o campo intelectual. O processo foi criticado severamente por 72 artistas e escritores, nomes entre os que se encontravam Juan Goytisolo, Alberto Moravia, Octavio Paz, Jean Paul Sastre, Federico Fellini, Mario Vargas Llosa e Simone de Beauvoir. Recen-

e dos detalhes dessa condenação. Cabrera Infante destaca a importância do labor de Rivero como cronista em *Sin pan y sin palabras*, pois “[...] mostra-o como um prosador de notável originalidade, capaz de inventar uma forma de narração a meio caminho entre a ficção e a *viñeta* da denúncia” (Cabrera Infante, 2015, 1173, tradução nossa¹³). Tal *viñeta* corresponde, em espanhol, às tirinhas. É um formato adotado por Cabrera Infante e se refere a quadros como retratos críticos do cotidiano, inseridos em suas anedotas azedas, com componentes autobiográficos e que descrevem, de forma específica, diversas formas de luta e subsistência da população nesse período. Para Rivero, os testemunhos particulares só poderiam ser elucidados por aqueles que habitam submetidos, como ele, pelas estruturas fatais projetadas na ilha (Rivero, 2003).

Crônicas dissidentes no espaço cotidiano de Cuba

Em Cuba, a crônica é um gênero textual praticado, habitualmente, por grandes pensadores da literatura insular. É o caso de José Martí, que escreveu crônicas entre 1880 e 1892 e é um dos precursores da crônica modernista e do jornalismo moderno latino-americano. Ainda é o caso de Julián del Casal (1863-1993); de *Las crônicas de la guerra*, de José Miró (1899); de Alejo Carpentier, célebre cronista das Índias e testemunha do processo cultural entre os anos de 1924 e 1959; de Jorge Mañach, com suas crônicas *habaneras*, publicadas entre 1925 e 1926; e José Lezama Lima, que imagina a cidade de Havana entre 1949 e 1950 – são esses exem-

temente, o caso foi objeto do documentário *El caso Padilla* (2022), de Pavel Giroud.

13 “[...] lo muestra como un prosista de notable originalidad capaz de inventar una forma de narración a caballo entre la ficción y la *viñeta* de denuncia” (Cabrera Infante, 2015, p. 1173).

plos ilustres de cronistas insulares. Além de exemplos menos categóricos, mas de igual forma importantes, de cronistas do começo do século XX, como Emilio Bacardí Moreau e Carlos Enrique Forment Rovira. Em 2005, é publicada no Brasil a tradução de textos de Raúl Rivero em *Provas de contato*¹⁴.

Cronistas cubanos contemporâneos são reunidos na obra *Cuba en la encrucijada: 12 escritores escriben sobre la continuidad y el cambio en la Habana y en todo el país* (2017), que conta com crônicas que narram a Cuba do perigo e da incerteza, escritas por Leonardo Padura, Vladimir Cruz, Wendy Guerra, Abraham Jiménez Enoa, Iván de la Nuez, os estadunidenses Francisco Goldman e Jon Lee Anderson, o espanhol Mauricio Vicent, o mexicano Rubén Gallo, o chileno Patricio Fernández, o cubano Carlos Manuel Álvarez, ganhador do Prêmio Anagrama de Crônica com sua obra *Los intrusos*, que detalha os protestos que sacudiram Cuba em 2022. Podemos acrescentar a esses últimos cronistas recentes algumas obras e seus autores: *Cuba, crônicas de a pie* (2021), de Jesus Arencibia Lorenzo; as crônicas autobiográficas de Beatriz Torrente Garcés, *Crônicas del silencio: Memorias de una vida en Cuba* (2022); *Crônicas de mi Cuba: Radiografía Interna* (2018), de S. Mandanal Cantor e; *Más libres que los pájaros: selección de crônicas* (2023), de Tania Díaz Castro.

Esse gênero difuso não ficcional procura, como explica Sánchez (1992), um público massivo, não massificado. Afinal, “o autor-jornalista expõe sua pesquisa, como manipulou esses documentos e testemunhos; adota uma postura parcial e partidária, sem isenção, e sua escrita recorre cada vez

14 Crônicas, entrevistas e anotações foram reunidas e publicadas no Brasil com a tradução da obra de Raúl Rivero, *Provas de contato* (2005), que amplifica essa crônica trágica e crítica de tantos sujeitos sem nome.

mais a outros códigos” (Sánchez, 1992, p. 83, tradução nossa¹⁵). Existe, portanto, uma manipulação implícita das informações nas narrativas e em seus pertencimentos, pois, na opinião da autora, estão repletos de semelhanças e diferenças, específicas em seu discurso a contratempo. Carrión (2012) acrescenta que o cronista trabalha em confronto com a versão oficial e gera traços de complexidade aos fatos relatados. No pensamento de Carrión, a crônica tenta, de alguma maneira, ser melhor do que a realidade, cuja transcrição subjetiva permite facilitar sua leitura, reescrita e a posterior recriação dos acontecimentos.

O autor, assim, oferece uma definição que se encaixa de maneira adequada no jogo dual, histórico-simbólico proposto por Rivero.

Toda crônica é um contrato com a realidade e com a história. Um duplo pacto: um compromisso duplo. [Pacto] Com o outro (a testemunha, o entrevistado, o retratado e seus contextos, o leitor) e com o texto que, após um complexo processo de escrita (e montagem) o representa em sua multiplicidade, utopicamente irreduzível (Carrión, 2012, p. 20, tradução nossa¹⁶).

Essa irreduzível multiplicidade pode ser o esqueleto cujas associações narrativas, membros e articulações expressivas se aproximam da crônica de Rivero como sujeito-ator acusador inserido, ocasionalmente, na história crítica relatada.

15 “El autor-periodista expone su investigación, su “manipulación” de esos documentos y testimonio; adopta una postura “partidista”, no neutral, y su escritura recurre cada vez más a otros códigos” (Sánchez, 1992, p. 83).

16 “Toda crónica es un contrato con la realidad y con la historia. Un doble pacto: un compromiso doble. Con el otro (el testigo, el entrevistado, el retratado y sus contextos, el lector) y con el texto que tras un complejo proceso de escritura (y montaje) lo representa en su multiplicidad, utópicamente irreducible” (Carrión, 2012, p. 20).

Especialmente nas crônicas do autor cubano – e no jornalismo literário praticado pelo autor, na fronteira de linguagens e peculiaridades –, o poeta elabora uma narrativa que retroalimenta essas duas forças enunciativas, informativas e ficcionais. Afinal, como Scliar (2002) expõe, o jornalismo ajuda a escrever de forma sistemática, objetiva/essencial e sintética, tendo como suporte a literatura, que cuida da forma e nos ajuda, desse modo, a escrever, a reescrever e a privilegiar a imaginação.

O cronista-jornalista, geralmente, narra objetivamente os fatos presenciados, mas, ao mesmo tempo, acrescenta ao seu próprio olhar descritivo a vivência particular desses dados. Particularidades que observamos com nitidez nas crônicas de Rivero, de grande força significativa e peculiar ironia. Essa convivência histórico-literária da crônica outorga a possibilidade de uma imersão na realidade a partir de uma simbologia ficcional particular, criando um campo textual entre a informação e a interpretação, como assinala Mesa (2006).

Podemos considerar que a crônica latino-americana, nos últimos anos, ampliou sua abrangência, sobretudo, por meio das revistas. A crônica atual funciona como um espaço discursivo que instaura um campo de forças em que o sujeito olha para o seu redor e para si mesmo. Como a própria vida, essas crônicas são formas sem clausura, sem começo ou final que distinguem o conto, explanadas entre a maravilha e, principalmente, o desencanto, que tentam representar questões a partir da autofiguração de quem escreve perante a uma realidade que se apresenta como inenarrável (Bernabé, 2006).

Sin pan y sin palabras: a favor de la libertad en Cuba, o livro de crônicas aqui analisado, tem como estrutura um texto introdu-

tório inicial, “En defensa de Raúl Rivero”, de Eliseo Alberto, seguido por 24 crônicas, que consistem nos textos-base desse documento e um apêndice dividido em duas partes, o “Encausamiento” do autor e o relato do julgamento segundo sua esposa, Blanca Reyes.

Nesse documento, as crônicas de Rivero são expressivos mecanismos expiatórios, narrativas diretas que se descobrem como organismos convulsos sintetizados em duas ou três páginas, que albergam um território da escrita material, com uma pele textual grossa e muito viva, quase palpável quando atentamos à frequente densidade emotiva inserida nos relatos. São fragmentos do cotidiano, impregnados com forte caráter político, textos-documento, posto que o conflito é elemento essencial no sentido orgânico dos diferentes episódios apresentados. É a literatura como texto histórico (Burke, 1992) mas, também, um registro factual particular do acontecimento comum, mostrando, sem adereços, a tragédia do dia a dia na ilha.

São crônicas de enorme valor testemunhal para diferentes leitores da vida, do drama imposto ou/e assumido em Cuba, já que, de forma paradoxal, os episódios infelizes relatados descrevem, por vezes, cantos que invadem os próprios territórios coletivos do fidedigno, manifestando-se quase como redutos do impossível, sob o ar patético e inaudito que invade alguns desses acontecimentos. Prova disso é encontrada na crônica inicial do livro “Bienvenido Mr. Yandy”. No relato inicial do livro, o autor anuncia o nascimento de um bebê, cuja vida será determinada desde sua nascerça.

O nome da mãe é Niurka e ela tem 14 anos. Gabriel, o pai, é cinco anos mais velho e é mecânico de automóveis. Yandy é o representante da família que nasceu no império dos cartões de racionamento imposto em Cuba desde 1962. O avô tem trinta e cinco anos e a avó, trinta e dois [...] Em dia 2 de no-

vembro, exatamente um mês depois de seu nascimento, passou a receber o que o Estado atribui a um cidadão integrado na sociedade [...] Desde que chegou a Cuba, Yandy tem garantido para toda a sua vida 2,72 quilos de arroz por mês e de açúcar [...] Ele tem para sempre ½ quilo de sal, 120 ml de café e um pequeno pão, todos os dias. A família de Yandy está feliz porque ele veio, chorou a plenos pulmões, e não estava entre os 8,2% das crianças que nascem abaixo do peso em Havana. Todos estão felizes porque Yandy está entre nós. É uma pena que ele mesmo, por enquanto, não possa dizer nada (Rivero, 2003, p. 27-28, tradução nossa¹⁷).

Na narração de Rivero, o trajeto da vida de Yandy já está esboçado desde o primeiro instante no mundo, um percurso existencial previsível, já que ele faz parte de uma sociedade fechada que o vai restringir. As diferentes gerações inexperientes, pela juventude, assumem habituais tarefas e obrigações de adultos, de forma repetida, reproduzindo-se, assim mesmo, o mesmo ciclo de vida pessoal/coletiva e operária na ilha. Devem, também, aceitar e agradecer o alimento concedido pelo sistema, ainda que, como Rivero aponta ao final da crônica, por enquanto não possam dizer nada, como acontece

17 “La madre se llama Niurka y tiene 14 años. Gabriel, el padre, tiene cinco más y es mecánico automotriz. Yandy es el representante de la familia que nace en el imperio de la libreta de racionamiento impuesto en Cuba desde 1962. El abuelo tiene treinta y cinco años y la abuela, treinta y dos [...] Exactamente el 2 de noviembre, al mes de nacido comenzó a recibir lo que el Estado asigna a un ciudadano que se integra a la sociedad [...] Desde que llegó a Cuba, Yandy tiene asegurada para toda su vida 6 libras de arroz por mes y 6 de azúcar [...] Tiene para siempre ½ libra de sal, 4 onzas de café y un panecillo diario. La familia de Yandy está feliz, porque él vino y grita fuerte y no quedó dentro del 8,2 por 100 de niños que están bajos de peso al nacer en la Habana. Todos están contentos de que Yandy esté entre nosotros. Es una pena que él mismo, por ahora, no pueda decir nada” (Rivero, 2003, p. 27-28).

com Yandy. O recém-nascido é um modelo do cidadão cubano dependente de um sistema socioeconômico precário, exemplo nítido da própria dificuldade em Rivero para falar abertamente, de pronunciar-se, divergir mediante seu exercício como pensador e escritor – e o de tantos outros criadores dissidentes da ilha.

A alternativa de questionar o sistema, de escolher outras possibilidades como um direito natural desde o nascimento, será anulada, extirpada. Nesse sentido, Hitchens (2003, p. 69, tradução nossa¹⁸) enfatiza:

Você está à mercê de pessoas cujo poder não deriva do seu consentimento e que o consideram dispensável, descartável [...] Eu não dou aos meus líderes “eleitos” o poder de dispor da minha vida e da minha morte, tampouco de dispor de todas as formas de vida presentes, futuras e até passadas, todas as quais esses líderes reivindicam o direito de extirpar num piscar de olhos.

Rivero exerce, desse modo, o seu direito de escolher, de analisar para, depois, minuciosamente e revelar as diferentes expressões sociopolíticas que cercam as (im)possibilidades existenciais do cidadão cubano no fim do séc. XX e o início do séc. XXI. Além disso, faz um esforço para lembrar memórias, trazendo para o leitor os poetas e a Cultura silenciada da ilha e dos cidadãos invisíveis, prática reminescente de Eliseo Alberto em *Informe contra mí mismo* (1997) e em *Dos cubalibres* (2004).

Um sujeito dissidente, poderíamos apreender nas entrelinhas da obra de Rive-

ro, é aquele indivíduo inconformado com a situação vital que o envolve, homem/mulher que tem posição discrepante, que constitui uma marca divisória, taxado por pensar diferente, alguém que não concorda em se submeter, que não aceita, que não se conforma e não se rege pela norma estabelecida, que não obedece e, ainda, não está confortável com a vigência de uma regra inquisitiva; alguém que se expressa, portanto, em desacordo com a política, religião, Estado ou qualquer outro poder ou organismo que pretenda submetê-lo sem o seu consentimento.

Sua inquietação diante da pressão governamental acompanha, em consequência, o contragolpe narrativo do autor, sua repulsa, que se assume como arauto e denunciador das injustiças que o cercam; imagina mecanismos literários de defesa, manifesta-se como uma entidade aparte, converte-se em um pária informativo, em um cronista dissidente.

Em uma de suas cartas incluídas nesse suposto diálogo epistolar do livro *Cartas a un joven disidente*, Hitchens (2003) afirma que o título honorífico de dissidente precisa ser conquistado com grande sacrifício e risco. Não basta discordar, ser um membro opositor; o posicionamento dissidente só será materializado por homens e mulheres exemplares e valentes. A prática dissidente, assim, traz um movimento utópico que o escritor reforça, tomando como base as ações e ideário de autores resilientes como Rilke e Oscar Wilde, da mesma forma que Bosi (2002) faz com narradores beligerantes como Proust, Pirandello, Joyce e Kafka.

Nesse ponto de ruptura, partindo do olhar daquele opositor que me define, à margem dos instrumentos de controle político, Rivero labora como jornalista e cronista, com fúria, imagens expressivas e ver-

18 Estás a merced de personas cuyo poder no deriva de tu consentimiento y que te consideran prescindible, desechable [...] Ni siquiera a mis dirigentes “elegidos” leso torgo el poder de disponer de mi vida y de mi muerte, y mucho menos sobre todas las formas de vida presentes, futuras y hasta pasadas, todas las cuales se arrojan el derecho de extirpar en un santiamén” (Hitchens, 2003, p. 69).

dadeiramente faminto, com o sentimento e com os olhos bem abertos à realidade (Rojas, 2006).

Voltamos assim ao pensamento anterior de Bosi (1996, p. 26), que declara que: “A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o não inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico”. Rivero, assim mesmo, se liga aos acontecimentos que o ferem e que afogam aos cidadãos da ilha. E, como Bosi (1996) expõe, não o faz de forma mecânica ou reproduzindo a história oficial, mas avaliando e tomando distância do fato descrito. Não se permite narrar ou resgatar os eventos a partir de um sujeito ou de um evento, explicar a história a partir de uma só voz, as testemunhas e as narrativas deverão ser variáveis, plurais, submersas no território de conflito analisado, transcendendo à vida real entre diferentes leituras.

As crônicas dissidentes do cotidiano, em Rivero, constroem um relato oculto nas páginas oficiais, pois apresentam um mapa humano plural dos sobreviventes do regime, sendo o protagonista

O homem da rua, aquele que não tem parentes nos Estados Unidos, não trabalha em empresa estrangeira, não tem amigos em uma corporação, o cubano que se desloca por bicicleta e recebe salário em moeda nacional – a grande maioria – tem que recorrer a três verbos suspeitos para sobreviver. Inventar, resolver e escapar... (Rivero, 2003, p. 71, tradução nossa¹⁹).

Em *Sin pan y sin palabras*, a resistência se reflete nas pequenas e grandes ações da luta constante dos protagonistas, assim como

19 “El hombre de la calle, el que no tiene parientes en Estados Unidos, no está trabajando en una firma extranjera, no tiene amigos en una corporación, el cubano de bicicleta y salario en moneda nacional —la gran mayoría— tiene que acudir a tres verbos sospechosos para sobrevivir. Inventar, resolver y escapar...” (Rivero, 2003, 71).

em seus relatos de enfrentamento a um contexto econômico e social adverso. Como Jelin (2002) ressalta, precisamos lembrar esses espaços vivenciais não hegemônicos, as “outras” histórias, memórias alternativas, na resistência, no mundo privado, no cotidiano, para não repetir as memórias reproduzidas pelo poder, potencializando-se, desse modo, o valor íntimo das narrações, que se revelam como mecanismos de luta política que tentam assim evitar o esquecimento. Para isso, nas crônicas de Rivero, os personagens têm ajuda de uma poderosa capacidade inventiva, o que lhes ampara ou legitima diante das situações desesperadas nas quais estão alambrados. Por exemplo, a escolha pelo jejum e pela negação na crônica que dá o título do livro observado, *Sin pan y sin palabras*, trecho que fala de Marta Beatriz Roque Cabello. Ainda, o relato sobre o trabalho clandestino de Maria Eugenia, na crônica “Dentro del juego”²⁰, que transforma sua residência em uma casa de contrabando para conseguir uma vida digna em seu dia a dia. Outro exemplo é a resistência de Juan Carlos Recio, em “Tenencia ilegal de alma”, um poeta condenado, homem prisioneiro, então, sem voz, sem obra, sem versos, um poeta proibido (Rivero, 2003). Nas palavras de Rivero, esta vítima do Estado – e outras tantas vítimas como Eduvino Valdez – é acusada de delitos comuns para que sejam tirados do jogo sem que a imagem do governo seja comprometida. É a resistência de Manolo Granados, em “Manolo y el tiempo roto” que “[...] insistiu em permanecer numa sociedade que já o havia excluído, o rotulou e marcou o seu destino” (Rivero, 2003, p. 45, tradução nossa²¹). Trata-se da resistên-

20 “Dentro del juego”, trata-se de um jogo de palavras em referência à obra prima *Fuera del juego* (1968), de Heberto Padilla, obra alegórica sobre a opressão e censura da ditadura cubana.

21 “[...] se empeñó en permanecer en una sociedad

cia pacífica de Óscar Elías Biscet, opositor condenado a três anos de prisão por dissenso, cujo relato forma parte de “Cuba si, Biscet también”.

São crônicas que abordam diretamente o conflito, sendo uma vitrine da luta das minorias, o que é evidenciado em recortes como “Ahora somos muchos”, nos quais Rivero narra a repressão evidente do governo sobre o coletivo gay e as palavras exatas desse grupo na ilha. “Na década de 1970, os gays cubanos foram presos por uma figura jurídica bizarra e humilhante, desfigurando o espaço público” (Rivero, 2003, p. 29, tradução nossa²²). Na década de 70, seriam excluídos, marginalizados e enviados para “Campos de Reeducação”, espaços coercitivos que utilizam uma violenta pedagogia social, supostamente, reparadora, detalhada no pequeno romance de Reinaldo Arenas, *Arturo, la estrella más brillante* (1984). Os protagonistas da crônica de Rivero (2003, p. 30-31, tradução nossa²³) assinalam que a luta diária consiste em ocupar um espaço por direito na sociedade

Ser gay em Cuba é muito frustrante. Primeiro você tem a oposição da família e depois da sociedade [...] A maior aspiração de muitos de nós é que haja um governo cubano que nos permita ocupar posições importantes na vida, já que somos tão seres humanos quanto heterossexuais.

Eventualmente, o enfrentamento direto

que ya lo había excluido, lo había etiquetado y le había marcado su destino” (Rivero, 2003, p. 45).

22 “En la década de los setenta los gay cubanos iban a la cárcel por una figura jurídica, jurídica estrafalaria e humillante, afean el ornato público” (Rivero, 2003, p. 29).

23 “Ser gay en Cuba es muy frustrante. Primero tienes la oposición de la familia y luego de la sociedad” [...] “La mayor aspiración de muchos de nosotros es que haya un gobierno cubano que permita que ocupemos cargos importantes en la vida, pues somos tan seres humanos como los heterossexuales” (Rivero, 2003, p. 30-31).

não é plausível e surgem desvios, armadilhas para evitar o confronto e as suas consequências, como acontece na crônica “Vender el sofá”. Rivero compara as políticas externas do governo cubano com o marido que surpreende a esposa com seu amante no sofá da casa e decide resolver o problema colocando o móvel à venda (Rivero, 2003). Para o autor, a solução não se encontra em limpar superficialmente o problema, sendo importante atacar suas raízes, examinar e dar soluções diretas ao conflito. Para Rivero, as estruturas, nesse sentido, devem atender as problemáticas reais da sociedade cubana, combater o desemprego, o subemprego, os salários baixos, a falta de perspectiva e ilusão geral.

A resistência cultural e vital, descrita por Padura (2016), é a busca por leveza para enfrentar um cotidiano rigoroso, a tentativa do cubano de resistir pela fuga, através do lazer, pela viagem familiar através do jogo (baseball), pela dança e pela música, que formam parte do patrimônio e da sabedoria popular dos cubanos. Porém, como se detalha no “Desahucio en la casa del trompo”, pouco a pouco, os locais de encontro, de celebração musical e das festas na ilha, foram sendo eliminados, pois, novamente, os mandatários optaram por vender o sofá.

Gregorio Lamas, um filósofo da comunidade com 76 anos, que passou a vida de dança em dança, diz que nos países onde não há dança há tristeza, desconforto e tragédia. “Eles ficaram com medo – diz Lamas – das pessoas se reunirem: muitos negros, muitos pobres e, então, venderam o sofá” (Rivero, 2003, p. 113, tradução nossa²⁴).

24 Gregorio Lamas, un filósofo de barrio de 76 años, que se pasó la vida de baile en baile, dice que en los países donde no se baila hay tristeza, malestar y tragedia. “Le han cogido miedo – dice Lamas – a que se junte la gente: muchos negros, mucha gente pobre, y entonces, vendieron el sofá” (Rivero, 2003, p. 113).

Além de relatar uma desigualdade social e racial nítida, o autor assinala a perda contínua da alegria do povo ao se derrubar seus pilares culturais, Rivero explicita a perda da própria língua, em “Matar la palabra”. A crônica discute a falta de significado e valor exato de termos fundamentais, do sentido das palavras quando não há um espaço para a liberdade. Essas palavras, na opinião de Rivero, serão letras mortas, que o autor pretende ressuscitar através de suas crônicas, para completar as lacunas semânticas de vocábulos como: liberdade, democracia, dignidade, resistência, cultura, imprensa, harmonia e cubano (Rivero, 2003). O autor considera sua responsabilidade dar conta desse vocabulário cívico amputado, fazendo uso insistente e construtivo dele, restaurando, assim, sua significância através da escrita.

Considerações finais

O estudo concretizado objetivou ressaltar a importância do jornalismo independente e o uso da crônica como mecanismo literário de resistência e denúncia em Cuba no fim do séc. XX e começo do séc. XXI. Especialmente no livro *Sin pan y sin palabras*, em que o cidadão anônimo se converte em ator principal, nesse herói desarmado da luta cotidiana na ilha, mediante as narrações dissidentes de Rivero que acolhem o discurso ordinário e a luta, em primeira pessoa, de seus protagonistas.

Em nosso estudo, foi elaborado um breve mapa geral sobre a crônica em Cuba e também foram apontadas ideias sobre a crônica da ilha, especialmente a particular e apaixonada crônica de resistência de Rivero. Por meio de seu trabalho jornalístico, o escritor enfatiza a importância de uma imprensa emancipada do dogmatismo governamental para, assim, oferecer um jornalismo transparente, plural e livre.

Foi demonstrado que sua crônica dissidente traz documentos reveladores, reúne a fala do povo para o povo, inserida em suas narrativas que retratam e projetam o contexto cotidiano de sobrevivência dos cubanos no dia a dia, além de elaborar outras narrativas críticas globais que funcionam como práticas narrativas de forte relevância político-social, posto que são narrativas que projetam:

Linguagens do povo, gestos, rostos: tudo isso que a história não consegue exprimir nos simples termos da evolução ou da obsolescência. Tudo isso que, por contraste, desenha zonas ou redes de sobrevivências no lugar mesmo onde se declaram sua extraterritorialidade, sua marginalização, sua resistência, sua vocação para a revolta (Didi-Huberman, 2011, p. 72).

Esse mapa emergente da crônica fiel a seu cotidiano na literatura cubana recente, com vocação emancipatória e de confronto, que insere essa resistência política e de pensamento, teve em Raúl Rivero uma voz parecida discordante privilegiada, a voz de um poeta-cronista que testemunha e fala daqueles que ninguém escuta, dos que foram esquecidos ou não podem ser escutados.

Referências

- ALBERTO, Eliseo. En defensa de Raúl Rivero. *In: RIVERO, Raúl. Sin pan y sin palabras: a favor de la libertad en Cuba*. Barcelona: Ediciones Península, 2003.
- ALBERTO, Eliseo. **Informe contra mí mismo**. 2. ed. Barcelona: Alfaguara, 2016.
- ALBERTO, Eliseo. **Dos cubalibres**: nadie quiere más a Cuba que yo. Madrid: Península, 2004.
- ARENAS, Reinaldo. **Arturo, la estrella más brillante**. Barcelona: Montesinos, 1984.
- ARENDRT, Hannah. **La promesa de la política**. Barcelona: Paidós, 2008.
- ARENDRT, Hannah. **De la historia a la acción**.

Barcelona: Paidós, 1995.

ARENDR, Hannah. **O que é Política?** Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz. Tradução Reinaldo Guarany. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BAY, Carmen Alemany. **Residencia en la poesía:** poetas latinoamericanos del Siglo XX. v. 13. Murcia: Cuadernos de América sin Nombre, 2006.

BERNABÉ, Mónica. Prólogo. In: BERNABÉ, Mónica (Org.). **Idea crónica:** literatura de no ficción iberoamericana. Buenos Aires: Fundación Typa, 2006.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. **Intinerários.** Araquara, n. 10, p. 11-27, 1996.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (Org.) **A escrita da História:** novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CABRERA INFANTE, Guillermo. **Mea Cuba antes y después:** escritos políticos y literarios. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2015.

CARRIÓN, Jorge (ed.). **Mejor que ficción:** crónicas ejemplares. Barcelona: Anagrama, 2012.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura:** a sedução da palavra. n. 18. São Paulo: Escrituras, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HITCHENS, Christopher. **Cartas a un joven disidente.** Barcelona: Anagrama, 2003.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** Madrid: Siglo XXI, 2002.

LARA, Claudia, Galindo. **Hannah Arendt:** la recuperación de la dignidad de la política. 2. ed. México: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2015.

LIMA, José, Carlos, Felix de. O conceito de literatura e resistência de Alfredo Bosi. **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de**

Humanidades, Brasília, n. 6, p. 749-767, 2016.

MARTÍNEZ, Manuel, Díaz. La carta de los diez. **Encuentro de la Cultura Cubana,** Madrid, n. 2, p. 22-30, 1996.

MESA, Rafael Yanes. La crónica, un género de periodismo literario equidistante entre la información y la interpretación. **Espéculo:** Revista de Estudios Literarios, [S.l.], n. 32, 2006.

MONTANER. Carlos Alberto. **Viaje al corazón de Cuba.** Barcelona: Plaza & Janés, 1999.

PADILLA, Heberto; MOLINA, Yannelys, Aparício; FIRMAT, Gustavo, Pérez (Ed.). **Fuera de juego y otros poemas.** Madrid: Cátedra Letras Hispánicas, 2021.

PADURA, Leonardo. **Yo quisiera ser Paul Auster:** ensayos Sselectos. Madrid: Verbum, 2015.

RIVERO, Raúl. **Sin pan y sin palabras:** a favor de la libertad en Cuba. Barcelona: Península, 2003.

RIVERO, Raúl. **Lesiones de historia.** Cádiz: Aduana Vieja, 2005.

RIVERO, Raúl. **Provas de contato.** Trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo: Barcarolla, 2005.

RIVERO, Raúl. La vida cotidiana. Dossier: la represión en Cuba. **Revista Hispano Cubana,** Madrid, n. 16, 2003.

RIVERO, Raúl. **Herejías Elegidas:** Antología Poética. Madrid: Betania, 2003.

ROJAS, Rafael. **Tumbas sin sosiego:** revolución, disidencia y exilio del intelectual cubano. Barcelona: Anagrama, 2006.

RUIZ, Fernando, J. **Otra grieta en la pared:** informes y testimonios de la nueva prensa cubana. Espanha: La Crujia, 2003.

SÁNCHEZ, Ana María Amar. **El relato de los hechos:** Rodolfo Walsh: Testimonio y escritura. Rosario, Argentina: Beatriz Viterbo, 1992.

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e literatura: a fértil convivência. In: MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo e Literatura:** a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

Recebido em: 10/02/2024
Aprovado em: 13/05/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.